

## Viagem de Ernst Hasenclever à Colônia Nova Friburgo em 1840

Débora Bendocchi Alves<sup>1</sup>

No dia 18 de Agosto de 1840, deixava o jovem Ernst Hasenclever, por algumas semanas, a cidade do Rio de Janeiro, onde residia, em direção ao interior da Província. Por razões de saúde, seu médico havia aconselhado-lhe a mudar de ares. Selou a sua mula e, juntamente com um amigo suíço proveniente da Colônia, apressaram-se para pegar o navio a vapor que partiria às 5 horas do porto do Rio de Janeiro para Praia Grande, onde pernoitariam. Após uma curta viagem marítima onde Ernst pôde admirar a excelente vista do Pão de Açúcar e do Corcovado, chegaram a Niterói, capital da Província, onde havia a mais bela vista da cidade do Rio. Como explica, não havia muita coisa para ver ali, mas, como a ligação com a capital do Império através do barco a vapor era boa, Niterói era um dos lugares mais apreciados pelos cariocas para passeios. Alguns dias antes, como escreveu em seu diário, até mesmo o jovem imperador estivera pela primeira vez em Niterói para assistir a um *Te Deum*<sup>2</sup> em homenagem à declaração de sua maioridade.

No dia seguinte - um dia chuvoso – prepararam as suas mulas e prosseguiram a viagem em direção primeiramente à Porto das Caixas, cerca de 7 milhas de distância da Baía do Rio de Janeiro e às margens do rio Macacu. Passando por São Gonçalo, um lugarejo bonito com suas duas igrejazinhas entre duas colinas cobertas de floresta e por campos de arroz e milho, chegaram à uma venda em Alcântara na hora do café da manhã. Atingiram Porto das Caixas às 3 horas da tarde e, então, Ernst explica que o caminho por este lugarejo era um desvio, já que o percurso mais rápido para a Colônia de Nova Friburgo era pela vila de São João de Itaboraí. No entanto, na sua opinião, seria mais proveitoso passar pelo “porto miniatura” para ver as inúmeras barcas que diariamente traziam da capital do País, tonéis, fardos e caixas com todo o tipo de mercadoria para os tropeiros que, as levavam para o interior, viajando com os seus animais por péssimas estradas. Era possível ir de barca do Rio de Janeiro à Porto das

---

<sup>1</sup> Doutora em História pela Universidade de Colônia, Alemanha, e docente de História do Brasil no Instituto de História Ibero-Latino-Americana da mesma universidade.

<sup>2</sup> Ofício litúrgico solene de louvor a Deus.

Caixas, porém, somente até a foz do Macacu, com ventos a favor, levavam-se cerca de 6 à 7 horas e, então, remando pelo rio acima, tratorriam-se mais 2 à 3 dias. Entretanto, de Porto das Caixas ao Rio de Janeiro, com ventos contrários, a viagem poderia se estender até por 8 dias. Daí o nome dado à pequena aldeia na foz do rio de Paciência. Ernst comenta que Porto das Caixas ficava muito bem localizada para comprar pequenos estoques de café provenientes do interior e vender, com vantagem, na capital. Na sua opinião, a única desvantagem era o clima. Apesar do solo ser fértil, a vila ficava em uma região pantanosa e febril e, para se aguentar este clima, era necessário se ter uma constituição excelente. A viagem dos dois amigos à Colônia prosseguiu pela Serra dos Órgãos até o vilarejo Santa Ana e, daí até Registro, antigo posto de polícia. Comeram, beberam e pernoitaram em vendas onde Ernst ressaltara que foram bem recebidos, além de se depararem frequentemente com estrangeiros, dentre eles alguns alemães. Encontravam-se agora no distrito onde D. João VI havia destinado aos europeus e, mesmo estando há 8 horas de Nova Friburgo, podiam ver pequenas e belas quintas de propriedade dos colonos. As casas eram todas de um andar, com 3 ou 4 janelas na frente. A partir de Registro, iniciava realmente a subida da Serra, extremamente íngreme no parecer de Ernst. Para não terem que atravessar o rio Macacu pelo menos mais três vezes, escolheram uma picada pela floresta em terras de um particular. Se perderam e, graças a ajuda de um negro, não tiveram que fazer todo o percurso de volta. Às 15 horas atingiram o ponto mais alto da Serra, podendo ver toda a baía do Rio de Janeiro e o famoso Pão de Açúcar. Daí em diante, o caminho continuava com curvas, subidas e descidas. Ernst se questionava sobre as causas que levavam o viajante europeu a se sentir tão bem nesta região montanhosa. Seu comentário: europeus trabalhadores, alemães e suíços, predominavam neste solo, sobretudo a sua energia e disposição para o trabalho. Os colonos nunca seriam ricos, mas viveriam bem e satisfeitos, gozariam a vida, viveriam com saúde em um clima maravilhoso, teriam crianças prósperas e viveriam uma vida feliz, livre e rústica com muito trabalho e satisfação. Comparando-se com os brasileiros no interior do país que ele havia visto em suas viagens anteriores, comentava que encontrou um povo “dormente”, inculto e que levava uma vida inerte em uma natureza rica, sem instinto para tentar melhorar a sua condição material. Ele se sentia orgulhoso de ver seus conterrâneos ocupando cada pedaço de terra disponível mas lamentava que, para os alemães e suíços, haviam sido dadas terras em uma região

montanhosa onde o solo não era propício para a agricultura. Há 4 milhas dali, crescia o melhor café e, enquanto em Cantagalo todo mundo podia enriquecer, surgiam comentários de que os “colonos esforçados” de Nova Friburgo não tinham este objetivo.

Para chegarem à Colônia, tinham ainda duas horas de viagem pela frente. Depois de passada uma hora, pararam em uma pequena propriedade localizada em um vale “adormecido”. Ernst aproveitou para conversar com a família que ali morava: um velho alemão viúvo com 15 filhos. De início, Ernst pensou que fossem todos meninos, mas logo percebeu que eram meninas vestidas com calças compridas para trabalharem no campo, na roça. As meninas eram boazinhas porém “tímidas, ariscas como coelhos”. Tentou conversar com a mais velha, mas quase não entendia o que ela dizia, pois se tratava de uma mistura de dialeto alemão e francês “de baixo nível”, além de português. Ele até que queria tentar conversar mais com o pseudo-menino, mas o pai apareceu, não gostou e a mandou sair dali. Continuaram a viagem e logo puderam avistar as luzes da vila de Nova Friburgo e, não muito distante, a chamada vila alemã.

Durante os dias que Ernst permaneceu em Nova Friburgo, Colônia fundada oficialmente em 1818 na Fazenda de Morro Queimado, no Distrito de Cantagalo (NICOULIN, 1995:53)<sup>3</sup>, empreendeu vários passeios pela redondeza, visitou e conversou com pessoas de destaque na Colônia, bem como com simples colonos. Seus comentários deixados em seu diário sobre a vida, usos e costumes desta gente são às vezes pitorescos, porém, extremamente interessantes e mostram bem como um alemão viu, percebeu e entendeu seus conterrâneos.

Logo de início, Ernst comenta que a manteiga da Colônia era uma delícia sobretudo se comparada com a manteiga inglesa que se consumia no Rio de Janeiro. Além disso, a manteiga “branca como neve” produzida na região, não custava mais que 360 Réis, enquanto no Rio de Janeiro pagava-se pela manteiga inglesa, de qualidade bastante ruim, entre 800 e 1000 Réis. Como era inverno, em pleno Agosto, não encontrou verduras e frutas frescas mas, em compensação, ótima carne. Explica, ademais que, entre os meses de Novembro e Março, encontrava-se em abundância batata, couve-flôr, ervilha, alcachofra, etc, mas era necessário trazer da Europa sementes

---

<sup>3</sup> As primeiras famílias suíças de língua francesa chegaram entre 1819 e 1820, no total de 1682 pessoas.

frescas a cada dois anos, pois, com o passar do tempo, essas espécies iam minguando e, após 4, 5 anos tornavam-se irreconhecíveis. Sobre a vila de Nova Friburgo, Ernst explica que era formada por um pouco mais de 100 casas, todas de um andar apenas e muito parecidas entre si. No centro, havia um belo pasto comum que era dividido por 2 pequenas fileiras de 5, 6 casas cada uma. Naquele momento, muitos proprietários estavam construindo um segundo andar. Os moradores da vila eram em sua maioria suíços e franceses, sendo possível encontrar dentre eles alguns poucos alemães e brasileiros. Ganhavam dinheiro com horticultura, gado e sobretudo com a hospedagem e alimentação dos inúmeros visitantes que, no verão, chegavam à região. Devido ao seu clima saudável, vinham para se tratarem ou para o lazer. Quinze minutos da vila em direção ao sul e separada por uma colina, localiza-se o vilarejo dos alemães chamado habitualmente de *Alemanha*, pois neste só moravam alemães.<sup>4</sup> Era formado por 30 casas e tinha uma aparência bem mais pobre que a vila. Na vila havia mais católicos, sendo que era possível encontrar um padre francês que se deixava chamar de Abade. No vilarejo alemão, em contrapartida, havia uma comunidade protestante guiada por um velho pastor muito digno, Friedrich Sauerbrot, proveniente de Baden. Espalhados pelas montanhas nos arredores, havia várias “haziendas” de colonos suíços e alemães perfazendo no total cerca de 2500 almas. Na igreja protestante, só havia culto no primeiro domingo de cada mês, quando participam cerca de 100 pessoas. Ernst se alegrou com a idéia de encontrar seus compatriotas no primeiro domingo de setembro para conversar, apesar de comentar que os alemães dali falavam um alemão bastante duvidoso. Mas para ele, seria um prazer ver as crianças e os jovens tão saudáveis se comparados com os moradores pálidos do Rio de Janeiro.

No dia seguinte, Ernst foi visitar o citado castelo para desenhá-lo. Comentou que não era nada mais que uma casa grande que anteriormente pertencera a uma fazenda real onde foi fundada a Colônia. Pelo comentário tipicamente alemão do nosso autor, pode-se deduzir que o tal castelo estava em péssimo estado, já que ele não conseguia entender por que se deixava um edifício ainda utilizável desmoronar daquela maneira. Segundo sua explicação, fora no passado utilizado como igreja e escola, mas, posteriormente, estas foram transferidas para a vila de Nova Friburgo. Tanto o padre quanto o mestre-

---

<sup>4</sup> Os alemães chegaram à região de Nova Friburgo somente em Maio de 1824.

escola da colônia eram pagos pelo Estado e ganhavam entre 500 e 600 mil Réis. Assim, ambos bem como todos os colonos foram obrigados a se naturalizarem brasileiros.

O jovem Ernst, como todo bom alemão, criticava a maneira de ser dos franceses, baseando-se em uma jovem senhora que fora visitar. Explicava que, como uma verdadeira parisiense, ela só se sentia bem e feliz em Paris e, como só falava francês, tinha dificuldades no entendimento com os seus escravos. Todos os negros que alugava, acabavam indo embora. A jovem senhora, devido a sua infelicidade, só reclamava do Brasil - um País incivilizado-, e de sua sorte. Ernst resumia a sua “teoria” sobre o comportamento dos franceses da seguinte maneira: como eles só admiravam o seu próprio País, negavam-se a aprender um outro idioma e a se adaptarem a outros usos e costumes. Isto fazia com que tudo para eles desse errado levando-os a ter uma vida extremamente infeliz no exterior.

O Dr. Jean Bazet, médico francês que emigrou para Nova Friburgo em 1819 e que recebeu o título de médico honorário da família real, sendo assim considerado funcionário do Estado (NICOULIN,1995:190), era médico do primo de Ernst. Através deste contato, foi conhecê-lo depois que este voltou de Cantagalo, vila próxima dali. Ernst relata então a proveniência do nome estranho da vila de Cantagalo. Contaram-lhe que há anos atrás, na época do domínio português, o governo ficou sabendo que nas montanhas e florestas da região havia ouro sendo explorado clandestinamente. Foi então enviado do Rio de Janeiro um destacamento de soldados para descobrir o local e reprimir o contrabando. Durante meses, os soldados procuraram em vão pelas montanhas e floresta adentro até que, em uma noite, o canto de um galo denunciou o esconderijo dos garimpeiros.

É interessante a descrição que Ernst faz para os seus parentes em Ehringhausen sobre a maneira dos brasileiros de ordenhar vaca. Como esta atividade foi digna de sua atenção, pressupõe-se que fosse diferente da maneira alemã. Ele explicava ser necessário amarrar o bezerro à perna dianteira da vaca de tal maneira que ele não alcançasse as suas tetas. Isto dava à vaca a impressão que o filhote estava a mamar e assim ela soltava o leite. Era deixado ao bezerro para a sua própria alimentação, a terça parte do leite disponível. Segundo ele, este procedimento, nada econômico, fazia com que fossem mantidos mesmo os bezerros já grandes só com o objetivo de “enganar” a vaca-mãe.

Como era necessário deixar um tanto do leite para o bezerro, o processo acabava sendo dispendioso. Ernst ressaltava que os negros já haviam tentado “civilizar” as vacas ao estilo europeu, mas até o momento nenhuma vaca dera um pingão de leite sem ter o seu próprio bezerro por perto.

No vilarejo alemão, havia o sr. Beske proveniente de Hamburgo, que se ocupava em colecionar e expedir insetos e pássaros. Este senhor fazia um grande negócio com esta atividade. Ele dava munição para moleques, negros e brancos, que caçavam os animais e lhe traziam. Conforme a beleza e raridade dos mesmos, Beske fazia os pagamentos. Ele então preparava os animais que eram exportados para todas as partes “civilizadas do mundo”. Ernst viu um número grande de belíssimos colibris e ouviu dizer que Beske chegava a ganhar de 4 a 5 Contos por ano com este negócio. Conversando com o preparador, soube que muitos passarinhos eram enviados para Stettin onde confeccionava-se flores de penas tão belas quanto as feitas no Rio de Janeiro. Beske enviara ao imperador inúmeros passarinhos de uma espécie muito especial destinados à confecção de um manto de arte plumária para presentear a rainha da França. A mulher de Beske era uma bela jovem alemã com quem ele tinha dois filhos. Ele a apresentava como sua esposa e intencionava esposá-la legalmente, apesar de já ter uma família na Europa. O comentário de Ernst sobre a “bigamia” de Beske: eram as circunstâncias brasileiras que levavam a esta situação.

Nosso viajante não deixa de escrever sobre as belas jovens que encontrou, dos momentos de animadas conversas com os seus conterrâneos e outros europeus, acompanhados de um bom vinho francês ou de um cálice de vinho de Lisboa, além de uma bela festa onde fora levado. Comenta rapidamente que teve que fazer ele próprio uma pequena operação no seu pé que lhe doia muito, pois estava cheio de bichos. Reclama ainda dos mosquitos e das formigas que lhe atrapalhavam quando se sentava em algum lugar para desenhar a paisagem, cita o caso de pessoas que haviam conhecido um Hasenclever quando ainda estavam na Europa ou ainda, de colonos que se arrependiam de ter deixado a sua pátria para vir tentar a sorte no Brasil. De outro lado, admirava a cultura e a alta instrução de alguns moradores da colônia. Ao atravessar uma ponte no caminho para Santa Ana conta que esta, apesar de ter custado aos cofres do governo 21 Contos, era mal construída e que, naturalmente como todas as construções

públicas deste tipo, três terços do seu valor havia sido roubado. Através de curtas e esporádicas notas, percebe-se a presença dos negros durante toda a sua viagem: levavam os seus animais para pastarem, ajudavam na bagagem, davam informações sobre o caminho, eram vistos pela estrada carregando mercadoria, ordenhavam as vacas, etc.

Ernst partiu do Rio de Janeiro no dia 18 de Agosto e chegou a Nova Friburgo no dia 22 do mesmo mês, onde permaneceu até o dia 7 de Setembro e daí se dirigiu a Cantagalo. Voltou à Colônia suíça no dia 22 de Setembro e no dia 15 de Outubro encontrava-se novamente na capital do Império.

Mas quem era Ernst Hasenclever?

Ernst (1814-1869) pertencia à tradicional família de comerciantes bem sucedidos de Ehringhausen, cidadezinha localizada no antigo centro industrial de produtos de cutelaria de Remscheid e Solingen, no Ducado de Berg, hoje Estado da Renânia do Norte Vestfália (JUNG, 1996: 163-214). Na cidade de Remscheid, eram produzidas sobretudo ferramentas pequenas como foices, gadanhas, serras, machados, machadinhas e limas. Já em Solinger, predominava a produção de ferramentas próprias para cortar, tais como faca, tesoura, espada e sabre. Durante o século XVIII, os produtos dessa região, eram considerados de muito boa qualidade e sua exportação atingiu proporções consideráveis chegando mesmo, através dos Países Baixos, ao Novo Mundo (OEHM, 1968: 11).

O avô de Ernst, Bernhard Hasenclever, fundou em 1786 em Remscheid-Ehringhausen com os seus três filhos, Bernhard, David e Josua, uma firma, a *Joh. Bernhard Hasenclever & Söhnen*, que desde 1791, exportava para a França, Espanha e Portugal, pequenos produtos de ferro e aço industrializados (RINGEL, 1970:7). Apesar das dificuldades existentes, tais como a falta de uma unificação política das regiões, que passaram mais tarde a fazer parte do Império alemão, e a não-possessão de colônias, os comerciantes do Ducado de Berg, sobretudo os de Remscheid, conseguiram desenvolver, a partir de meados do século XVIII, relações comerciais transatlânticas bastante vantajosas.

A Revolução Francesa trouxe várias mudanças políticas e, com elas, muitas

desvantagens ao próspero desenvolvimento comercial da região. Em 1794, com a ocupação francesa em território localizado à margem esquerda do rio Reno, o território à direita foi declarado ‘estrangeiro’ e, conseqüentemente, passou a pagar impostos de importação e exportação. Essa medida atingiu diretamente a economia do Ducado de Berg, localizado à direita do rio Reno. Além disso, a decisão dos franceses de desenvolver sua indústria têxtil e de ferro para se tornarem independentes da produção estrangeira trouxe, como conseqüência, um aumento exagerado dos impostos sobre as importações desses produtos. Com isso, as regiões alemãs situadas à esquerda do Reno, e então consideradas território francês, obtiveram grandes vantagens econômicas, o que não aconteceu com as regiões à direita do rio como, por exemplo, Remscheidt e seus arredores. Ao perderem seus mercados consumidores na França, nos Países Baixos, na Itália e Espanha, as indústrias do Ducado de Berg foram duramente atingidas. O desemprego e, conseqüentemente, a emigração tomaram conta da região (OEHM, 1968: 12). Através do decreto de 30 de Abril de 1806, ficou proibida a importação, pela França, de tecidos de algodão, produtos de cutelaria e mechas para candeeiro. Praticamente todo o comércio com a França foi interrompido e, como a região de Berg efetuava suas transações comerciais com a Espanha e América do Norte através da França, toda a exportação destinada a essas regiões foi suspensa. A situação piorou ainda mais com o Bloqueio Continental, promulgado por Napoleão, em novembro de 1806 e sobretudo em 1810, com a expansão francesa em toda a região do Mar do Norte. Os comerciantes de Berg perderam, além de seus últimos mercados consumidores, o seu já reduzido comércio transatlântico efetuado através de Hamburgo e Dinamarca (TREU, 1982:16-21).

Com a expulsão dos franceses e o fim do Bloqueio Continental, o mercado europeu foi aberto ilimitadamente aos produtos ingleses, sobretudo aos industrializados. Os Estados alemães viram-se desprotegidos e sem meios de enfrentar a concorrência inglesa já que não havia proteção aduaneira para a região. O Ducado de Berg não tinha condições, após anos de estagnação econômica, de concorrer com os produtos ingleses, obrigando seus comerciantes a se voltarem para o mercado não-europeu (OEHM, 1968:20). Desta forma, em 8 de maio de 1821, para tentar contornar a difícil situação em que se encontravam, Josua Hasenclever juntamente com outros comerciantes de Wuppertal e arredores, fundaram a *Rheinisch-Westindischen Kompagnie* (Companhia



Renana das Índias Ocidentais), que procurava abrir novos mercados para os seus produtos em territórios ainda não dominados pelo comércio inglês. A Companhia voltou-se primeiramente para o Caribe, mas seu objetivo era conquistar os mercados das antigas colônias portuguesa e espanholas. Os resultados, aquém do esperado, caracterizando seu insucesso, levaram-na à sua dissolução em 1831, sem ter conseguido penetrar nos novos países latino-americanos. Depois desta experiência, Josua Hasenclever decidiu dar um passo maior e fundar, por conta própria, filiais de sua firma em várias cidades nas Américas (OEHM, 1968: 21-47).

Assim, apesar das dificuldades, a firma se expandiu durante a primeira metade do século XIX, conquistou outros mercados e diversificou sua produção. Desde 1819, os Hasenclever mantinham transações comerciais com Boston, Nova York, Baltimore, Philadelphia, Havana e Rio de Janeiro. Além da casa comercial, a família possuía suas próprias forjas na região de Remscheid (SCHMOECKEL, 1992). Após a Independência do Brasil em 1822, a firma começou a exportar diretamente para o país operando através de agentes comerciais estabelecidos na Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro. Josua Hasenclever logo percebeu que era mais eficiente fundar uma sucursal na capital do Império e, em 1830, enviou seu sobrinho Johann Gottfried Hasenclever (1806-1865), que havia trabalhado alguns anos na firma em Ehringhausen, para o Rio de Janeiro onde chegou em 28 de setembro com algumas mercadorias e logo abriu, na Rua do Sabão, uma filial que deveria importar e revender não só as mercadorias produzidas pelas firmas Hasenclever, mas também aquelas produzidas por outros amigos industriais da mesma região. De início, sua permanência no Brasil seria de três anos, no entanto, Gottfried acabou ficando 22 anos. Voltou para Ehringhausen somente em 1852. (Hasenclever & Cia, 1930: 15-17).

Após a transferência da Corte portuguesa para o Rio de Janeiro e a abertura dos portos brasileiros ao comércio internacional em 1808, a cidade passou por grandes transformações, tornou-se o centro político, econômico e cultural do Império Português e, mais tarde, do Brasil. Seu crescimento rápido aumentou a demanda de novos produtos (ALENCASTRO, 1997:13). As firmas alemãs, principalmente depois da independência brasileira em 1822, apressaram-se para adquirir pelo menos uma parte desse mercado promissor. Mesmo em 1830, o comércio no Rio de Janeiro era precário, e a indústria

quase inexistente. Não havia estabelecimentos especializados, sendo as lojas verdadeiros bazares que ofereciam de tudo. A prática na cidade era a do comércio misto, que atendia melhor às necessidades da população. A procura por bens de consumo, principalmente pelos produtos industrializados, crescia a olhos vistos. Gottfried Hasenclever percebeu que não era possível vender apenas produtos de cutelaria e de ferro em geral e diversificou seu estoque. Sua loja passou a oferecer, então, além dos produtos da matriz de Remscheid, tecidos e sedas provenientes da cidade de Wuppertal e os conhecidos brinquedos de Nüremberg (JUNG, 1996:172). Cinco anos mais tarde, sua casa havia prosperado de tal maneira que foi necessário pedir ajuda à matriz. Em 1837, a Casa de Remscheid enviou Ernst Hasenclever, segundo filho de David Hasenclever, para ajudar Gottfried no Rio de Janeiro. Era, na época, um rapaz de apenas 22 anos.

Fazia parte da tradição familiar dos grandes comerciantes alemães, enviar seus filhos para realizar viagens ao exterior quando esses atingiam a idade de entrar nos negócios da família. O intuito era de que eles pudessem, com a experiência, amadurecer antes de iniciarem o trabalho na matriz (SCHMOECKEL, 1992). Em 20 Julho de 1837, Ernst Hasenclever deixava Remscheid e iniciava sua longa viagem com destino ao Rio de Janeiro para ajudar Gottfried. Viajou durante três dias em uma diligência para Hamburgo via Düsseldorf, Münster e Bremen. Lá embarcou no dia 28 de Julho no brigue '*Boa Christina*' e, após 79 dias de viagem em alto-mar, aportou na capital do Império do Brasil (Hasenclever & Cia, 1930: 22-23). Ernst ficou no Brasil até 1844 quando depois de passar pelos Estados Unidos, voltou à sua terra natal para trabalhar na matriz.

Nos sete anos que residiu no Rio de Janeiro, Ernst fez algumas viagens pelo país. Na Páscoa de 1838, fez a sua primeira viagem indo de barco pela costa da capital até o porto de Santos e depois, de mula, à São Paulo. Em Julho de 1839, partiu para a Província de Minas Gerais para conhecer a região mineradora. Deixou um interessante relato dos dias que passou na mina de Gongo Soco, de propriedade inglesa. A colônia suíça de Nova Friburgo e a região cafeeira de Cantagalo, foram visitadas em Agosto e Setembro de 1840 como descrito acima. Até o ano de 1844, Ernst pelo visto não fez mais nenhuma viagem pelo interior do Brasil. Registrou em seu diário apenas a coroação de Dom Pedro II em 1841, pois conseguiu, através de um conhecido, um

convite para o evento. A última notícia deixada por ele sobre o Brasil é de 1844 quando empreendeu a sua viagem de volta à Alemanha passando por Salvador, Recife e Nova York. Nos Estados Unidos, ficou o tempo necessário para contatar os agentes comerciais e representantes da firma Hasenclever no país. Em Filadelfia conheceu a sua futura esposa, Louise Vezin, descendente de alemães, com quem se casou em 1846, ano em que empreendeu uma nova viagem aos Estados Unidos. Juntos em Ehringhause, tiveram 7 filhos. Ernst faleceu em 1869 e Louise viveu na propriedade da família Hasenclever até 1899.

No seu diário, composto de 10 cadernos, Ernst Hasenclever deixou uma rica impressão sobre a sua estada de 7 anos no Brasil. Era um jovem comerciante, representante de uma família bem-sucedida de negociantes que desejava apenas relatar aos seus parentes o que estava vivendo naquele país ainda desconhecido na Alemanha. Não tinha a intenção de publicar o seu diário de viagem, o que não foi feito até hoje. Além do diário, Ernst deixou dois cadernos de desenho a lápis com mais de 100 paisagens de cidades e vilas do Brasil, inclusive de Nova Friburgo. São desenhos de um comerciante que não podem ser comparados com os dos pintores europeus que retratam o Brasil no século XIX. Despretensiosos e com falhas de proporção e perspectiva, constituem um precioso achado, pois são imagens de pequenas vilas e lugares do Brasil pouco retratados. Toda esta documentação, escrita e iconográfica, apresenta uma imagem do país onde a vida social, as relações de produção, de trabalho e a economia são temas centrais deixando para segundo plano o estudo da flora e da fauna. Nosso viajante não era um naturalista e seu interesse voltava-se para as possibilidades econômicas que o novo País poderia oferecer aos europeus, sobretudo à firma de propriedade de sua família. Além disso, Ernst era um jovem a procura de aventura e não deixou de fazer inúmeros comentários sobre as belas moças que conhecera, brasileiras ou européias, sobre as festas que participou além de cenas pitorescas ou apenas cotidianas. Chamou muitas vezes a atenção para as suas qualidades pessoais como, por exemplo, em Nova Friburgo quando explica a sua facilidade e talento para se relacionar com os colonos suíços ou alemães que o levava para festas ou o convidava para almoços e jantares. Mesmo pertencendo a um nível social bem mais alto, dizia ele, sabia como conquistar a confiança desta gente que, por natureza, desconfiava de tudo e de todos. Faz comentários preconceituosos não tanto sobre os negros mas sobretudo sobre os

brasileiros não-pertencentes à elite, sobre o povo. Como podemos notar nos seus relatos sobre a Colônia de Nova Friburgo, admira e ressalta a “superioridade” dos colonos europeus, camponeses trabalhadores e esforçados, comparando-os com os brasileiros, habitantes do interior, pessoas pouco empreendedoras, inertes, sem gana para melhorar de vida apesar da natureza maravilhosa do país. Sobre a natureza não havia dúvida: era esplêndida apesar de haver regiões não propícias para todo tipo de gente. Era um representante do seu tempo que via como uma das missões civilizatórias européias no Novo Mundo, a fundação de colônias de europeus, o que demonstra bem as suas observações feitas durante a sua visita à Colônia de Nova Friburgo.

O fato de não termos conhecimento até o momento de muito relatos de viagem de comerciantes alemães (LISBOA, 1997: 33), faz com que as impressões de Ernst sobre o Brasil adquiram um valor especial na chamada literatura de viagem do século XIX.

#### Bibliografia

- ALENCASTRO, Luiz Felipe. „*Vida privada e ordem privada no Império*“, in: História da Vida Privada no Brasil: Império (vol. 2)/ Organizador do volume ALENCASTRO, L. F. – São Paulo, Companhia das Letras, 1997.
- ALVES, Débora Bendocchi: Ernst Hasenclever: viagem do Rio de Janeiro a São Paulo (1838;1844). Espaço Plural, Ano IX, Nº 19, 2008; pp. 83-94.
- *Hasenclever & Cia., Rio de Janeiro 1830 -1930*. (Não constam o nome do autor e da editora)
- HOLANDA, Sérgio Buarque. *A Herança Colonial – Sua desagregação*; in: *História Geral da Civilização Brasileira*. (Tomo II, O Brasil Monárquico, vol. 1). São Paulo, Rio de Janeiro, DIFEL, 1976.
- JUNG, Michael. „*Josua Hasenclever – Unternehmer und Gestalter der Moderne*“. In: BEECK, Karl-Hermann (Hg.). *Bergische Unternhmenngestalter im Umbruch zur Moderne*. Neustadt/Aisch, Schmidt, 1996.
- LISBOA, Karen Macknow: *A Nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. São Paulo, HUCITEC e FAPESP, 1997.
- NICOULIN, Martin: *A Gênese de Nova Friburgo. Emigração e Colonização Suíça no Brasil. 1817-1827*. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional, 1995.
- OEHM, Hans-Joachim. *Die Rheinisch-Westindische Kompagnie*. Neustadt an der Aisch, Ph. C. W. Schmidt, 1968.

- RINGEL, Hermann. *Das Geschäftsarchiv der Exportfirma Joh. Bernhard Hasenclever Söhne, Remscheid-Ehringhausen Gegründet 1. Mai 1786*. Remscheid 1970
- SCHMOECKEL, Gisela. „*Skizzen, Tagebücher, Geschäftsbriefe. Die Reisen des jungen Exportkaufmanns Ernst Hasenclever*“. In: *Bergischer Almanach, Heimatjahrbuch der Bergischen Blätter*. Wuppertal, Bergische Blätter Verlag, 1992
- TREU, Wilhelm. *Gesellschaft, Wirtschaft und Technik Deutschlands im 19. Jahrhundert*. Stuttgart, Ernst Klett, 1982. (*Gebhardt Handbuch der deutschen Geschichte*, Band 17)